

O TRATAMENTO DOS CONECTORES “E” E “AÍ” NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE GÊNEROS TEXTUAIS NARRATIVOS PRODUZIDOS POR ADOLESCENTES E PRÉ- ADOLESCENTES NATALENSES EM ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS¹

Fernando Laerty Ferreira da Silva – UFRN²

Ana Clarissa Viana Duarte – UFRN³

Orientadora: Maria Alice Tavares – UFRN⁴

RESUMO

À luz da vertente teórica sociofuncionalista, analisamos os conectores sequenciadores E e Aí como variantes na indicação da função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI). O *corpus*, retirado do Banco de Dados FALA-Natal, é formado por oito entrevistas sociolinguísticas feitas com pré-adolescentes e adolescentes natalenses. Delas, retiramos trechos de narrativas habituais e narrativas de experiência pessoal que apresentassem os conectores E e Aí. Os dados assim obtidos foram codificados quanto às relações semântico-pragmáticas de sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência/conclusão. Com base em análises quantitativas, notamos que há predileção pelo uso do conector Aí na narrativa de experiência pessoal em entrevistas com adolescentes e, principalmente, com pré-adolescentes. Sobre a narrativa habitual, verificamos que esse gênero textual condicionou a diminuição do conector marcadamente informal Aí e apresentou alta taxa de ocorrência do conector E nas entrevistas com adolescentes. Ademais, percebemos que, na narrativa de experiência pessoal, houve indícios de especialização por generalização; na narrativa habitual, houve indícios de especialização por especificação; e, em ambas, foram identificados casos de relações semântico-pragmáticas que apresentaram frequências similares. A partir desses dados, notamos a necessidade de criar uma proposta para o ensino básico voltada para o tratamento da variação linguística, uma vez que ficou comprovado que, dependendo do gênero textual, uma das formas variantes poderá sofrer de censura. Vale acrescentar que essa proposta traz reflexões sobre o papel do professor em relação a uma abordagem produtiva para o ensino de gramática.

PALAVRAS-CHAVE: conectores; gramaticalização; sociofuncionalismo; ensino de gramática

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa a função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI) expressa através dos conectores E e AÍ em narrativas habituais e em narrativas de experiência pessoal produzidas oralmente por pré-adolescentes e adolescentes da cidade do Natal. Ocorre SRPI quando há relação de continuidade e consonância entre dois segmentos do discurso (cf. TAVARES, 2012; MENDONÇA; TAVARES, 2008). Nesse processo, o primeiro segmento servirá como alicerce para o que será dito posteriormente, criando “movimentos simultâneos de retroagir” e de “propulsionar”.

Na fala dos pré-adolescentes e adolescentes natalenses, encontramos, amiudadamente, os conectores sequenciadores E e AÍ, que integram o conjunto das formas responsáveis por codificar a SPRI no português brasileiro. A SRPI abrange várias relações semântico-pragmáticas, sendo a sequenciação textual, a sequenciação temporal e a consequência/conclusão as relações analisadas nesse relatório. Logo abaixo, seguem alguns trechos recortados das entrevistas que compõem o nosso *corpus*.

(1) Antigamente, ela [tia] morava aqui em Natal, bem perto da gente, e a gente passava mais lá, porque ela morava do lado da escola que minha mãe trabalhava... que ela também trabalhava lá. (...) **Aí** ela morava do lado da escola e a gente sempre dormia lá, quando estudava na escola também. (Narrativa habitual, BDFL; 04JV; Masc.)

(2) **Aí** lá teve uma vez que, menina, jogaram mel na minha cabeça todinha, toda melada, **aí** jogaram farinha, **aí** eu fiquei toda marrom com a cara branca, **aí** o homi olhou assim para minha cara e disse: “Você tá a cara da riqueza”. (Narrativa de experiência pessoal, BDFN; 02JV; Fem.)

O *corpus* desta pesquisa foi retirado do Banco de Dados FALA-Natal (BDFN). A finalidade do BDFN é descrever o dialeto da cidade do Natal, logo, as entrevistas

sociolinguísticas estão disponíveis àqueles que buscam analisar algum fenômeno linguístico nessa comunidade de fala. Desse banco de dados, foram retirados trechos de narrativas habituais e de narrativas de experiência pessoal que contivessem dados dos conectores sequenciadores E e AÍ.

O estudo desenvolvido toma como aporte teórico uma vertente teórica que pode ser denominada sociofuncionalismo por ser constituída na interface entre duas teorias, o funcionalismo norte-americano e a sociolinguística variacionista. Para o funcionalismo, a língua não é estática, mas sim variável e probabilística. Para esse campo teórico, a gramática está sempre sujeita à mudança e motivada pela situação comunicativa, por isso, atualmente, é conhecido como linguística baseada no uso. Ao considerar a gramática dinâmica, o funcionalismo deixa evidente a condição de perenidade das línguas. Isso revela que a mudança linguística é um fenômeno regular. (cf. TAVARES, 2013a)

Quando criamos enunciados, apropriamo-nos de itens lexicais e/ou gramaticais para criar as estratégias de comunicação. Apesar de participarmos da mesma comunidade de fala e possuímos traços linguísticos em comum, utilizamos a língua de diferentes formas, imprimindo nosso estilo em nossos discursos; por isso, numa interação, o falante e o ouvinte “têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções” (TAVARES, 2013a, p. 32). Nessa relação, dependendo da frequência de uso, novas estratégias “podem se rotinizar e passar a serem usadas em contextos de interação mais específicos com construções cada vez mais gramaticais” (ALBANO, 2014, p. 2). Dá-se a essa rotinização o nome gramaticalização – processo de mudança pelo qual um item lexical ganha função gramatical ou um item já gramatical angaria outras funções gramaticais.

É comum notar-se, em uma língua, a existência de diferentes formas para expressar uma mesma função. Estas estruturas são denominadas variantes linguísticas e, segundo Tarallo (1985), apresentam o mesmo valor de verdade e são intercambiáveis em um mesmo contexto. É a sociolinguística variacionista, ao

combinar fatores linguísticos, estilísticos e sociais, que analisa o fenômeno da variação. O viés desta pesquisa, por combinar pressupostos do funcionalismo e da sociolinguística, é sociofuncionalista. Apesar de serem teorias distintas, elas apresentam um ponto de intersecção: a variabilidade como fenômeno inerente à língua. Essa ideia de união entre as teorias é reforçada por Bybee:

Em uma teoria baseado no uso, os estudos quantitativos passam a ser extremamente importantes para a compreensão da amplitude de experiência com a língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1976, 1972), embora destinada à compreensão de como ocorre a interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança. (BYBEE, 2012, p. 02 *apud* GORSKI; TAVARES, 2013, p. 86)

Fica possível, partindo da teoria sociofuncionalista, reconhecer os tipos de especializações envolvidos no processo de gramaticalização dos conectores sequenciadores E e AÍ. Há dois tipos de especialização: i) especialização por generalização: processo em que uma das formas sofre generalização de significado, absolvendo as funções de outras formas coocorrentes; ii) especialização por especificação: cada forma se especifica em uma função específica, passando a atuar em contextos diferentes. Quanto maior for a relação entre uma função e uma forma, maior será a especialização desta e menor será o uso de outras formas codificadoras no mesmo contexto situacional.

Acreditamos que nossa análise revelará em que fase o processo de gramaticalização dos conectores sequenciadores E e AÍ se encontra na fala de adolescentes e pré-adolescentes natalenses, bem como permitirá que identifiquemos o tipo de especialização preponderante nas narrativas habituais e nas narrativas de experiência pessoal produzidas por eles.

Selecionamos, para análise, esses dois grupos etários porque acreditamos que são eles os maiores propagadores da forma inovadora AÍ, difundindo o processo de especialização em sua comunidade de fala, e buscamos confirmar se: i) o uso do conector inovador AÍ aumenta à proporção que a idade do informante diminui; ii) o

uso do conector *Aí* é maior em narrativas de experiências pessoais, quando contrastadas às narrativas habituais, uma vez que, naquelas, o informante tende a se envolver mais intensamente no evento narrado; iii) o uso do conector *Aí* decai nas narrativas habituais, quando comparadas às narrativas de experiência pessoal, porque, naquelas, costuma haver menor envolvimento do informante, o que pode fazer com que traços de sua fala vernacular emergjam com menor frequência.

Os dados quantificados e analisados nos permitirão verificar, além da predileção por um conector, os fatores que estão por trás desses usos (por exemplo, a escolaridade e a influência dos gêneros textuais), bem como a atuação da escola frente a esse desafio de trabalhar a variação linguística. A escola, ao se propor esse tipo de ensino,

Contribuirá com o desenvolvimento de habilidades para o uso da língua de forma autônoma, crítica e criativa, aprimorará a reflexão e a prática da língua oral e escrita e possibilitará a ampliação do universo linguístico no que diz respeito ao conhecimento de um maior número de conectores coordenativos e do tipo de contexto interacional em que cada conector é mais adequado. (TAVARES, 2013b, p. 114)

Neste texto, temos como objetivos: (a) analisar os conectores sequenciadores *E* e *Aí* como variantes na indicação de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI) em narrativas de experiência pessoal e em narrativas habituais produzidas oralmente, em situação de entrevista sociolinguística, por pré-adolescentes e por adolescentes natalenses; (b) averiguar se há diferenças na distribuição dos conectores sequenciadores *E* e *Aí* quanto às relações semântico-pragmáticas por eles indicadas em narrativas de experiência pessoal orais e em narrativas habituais produzidas oralmente por pré-adolescentes natalenses; (c) relacionar diferenças porventura existentes entre os conectores sequenciadores *E* e *Aí* no que tange às relações semântico-pragmáticas com possibilidades de especialização funcional atuais e/ou futuras; (d) sugerir estratégias que abordem os mais variados conectores coordenativos em sala de aula tanto na modalidade escrita quanto na oral; (e) refletir

sobre o ensino de gramática a partir da concepção de mais ou menos formal, evitando-se os termos *certo* e *errado*.

METODOLOGIA

O *corpus* da pesquisa é constituído de oito entrevistas sociolinguísticas com duração de, aproximadamente, 60 minutos cada. Essas entrevistas foram feitas com 8 informantes natalenses (4 informantes masculinos e 4 informantes femininos), sendo 4 pré-adolescentes de idades entre 8 a 12 anos, e 4 adolescentes de idades entre 15 a 24 anos.

É de interesse da entrevista sociolinguística recolher amostra da fala mais informal (o vernáculo) do informante. Para garantir a língua vernacular, o entrevistador tenta mitigar a sua presença, estimulando o informante a discorrer sobre assuntos corriqueiros e que lhe aprezem. Outra estratégia utilizada para diminuir o monitoramento da fala é pedir para que ele fale sobre assuntos que lhe causaram sentimentos intensos, o que poderia auxiliar a quebrar a tensão causada pela presença do entrevistador e do gravador.

Fatores de ordem social como etnia, gênero, idade, nível de escolaridade e classe social possibilitam o cruzamento dos aspectos sociais com os linguísticos, a fim de descobrir quais as motivações da mudança ou variação. Neste estudo, consideramos possíveis influências do fator de ordem social idade sobre os usos dos conectores E e Aí por pré-adolescentes e adolescentes da cidade do Natal.

Não obstante os informantes poderem escolher os temas sobre os quais gostariam de falar, o entrevistador direciona-os a desenvolver vários gêneros: relatos de opinião, narrativas de experiência pessoal, receitas culinárias, narrativas habituais, entre outros. Desta forma, é correto afirmar que as entrevistas sociolinguísticas são macrogêneros (cf. TAVARES, 2012, 2014): a fala dos informantes não se configura como, apenas, um gênero textual específico, e sim como um somatório de gêneros concatenados no fluir da entrevista, gêneros esses que podem manifestar estilos

distintos. Isso implica dizer que, hipoteticamente, em um relato de opinião, a linguagem será mais monitorada, uma vez que se pede uma posição diante de um tema polêmico; caso oposto ocorre na receita culinária. Nesse gênero, o informante não terá a mesma preocupação em monitorar sua fala, por se tratar de algo que ele domina e que não oferece risco de haver opiniões divergentes da sua.

As entrevistas sociolinguísticas dos oito informantes não foram transcritas na sua totalidade, apenas as partes que continham os conectores sequenciadores E e Aí e que se configuram como narrativas habituais ou narrativas de experiência pessoal, gêneros focados em nossa pesquisa. Comparando os dois gêneros, poderemos confirmar a hipótese de que, em um deles, o informante se envolve mais e deixa emergir seu vernáculo, e, no outro, por não haver grande envolvimento emocional, a fala não é tão informal.

Na busca pela fala mais informal, as entrevistas sociolinguísticas sempre tentam criar condições para que o informante fale sobre suas experiências particulares, produzindo, especialmente, narrativas de experiência pessoal. Esse gênero textual permite a eclosão de lembranças ricas, singulares e intensas sobre o passado do indivíduo, trazendo à tona sua língua vernacular (cf. TAGLIAMONTE, 2006). Sobre a importância das narrativas de experiência pessoal, Labov afirma que:

Na maioria dos estudos sociolinguísticos da comunidade de fala, as narrativas de experiência pessoal desempenham um papel proeminente. Na entrevista sociolinguística, as narrativas são um dos meios primários de redução dos efeitos da observação e da gravação. Quando se dissecam as mudanças de estilo na entrevista, as narrativas mostram consistentemente uma mudança na direção do vernáculo – isto é, na direção do estilo de fala que é aprendido primeiro e que é usado na comunicação diária com amigos e família. (LABOV, 2004, p. 31)

Para ilustrar esse gênero textual, segue exemplo:

(3) Me chamou de formiga atômica, pra quê?! (...) **Aí** chamou a gente de formiga atômica [a entrevistada e a amiga], anã de jardim, enfeite de árvore de natal.

Pra quê?! (...) Eu corri a escola inteira para bater no menino, que falou isso, com minha bolsa (BDFN; 05JV; Fem.).

Relatos dos acontecimentos corriqueiros vividos pelo informante marcam o gênero narrativa habitual. Diferente da narrativa de experiência pessoal, esse tipo de produção textual é construído com o uso frequente dos verbos no pretérito imperfeito e traz acontecimentos que foram recorrentes em um determinado período da vida do informante (CARRANZA, 1998; TAVARES, 2012). Para esclarecer, segue exemplo:

(4) A gente sempre ia, quando meu pai ainda era casado com minha mãe. **Aí** reunia todo mundo, alugava uma van, **aí** a gente ia pra lá (BDFN; 07JV; Masc.).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No *corpus* de narrativas habituais e narrativas de experiências pessoais, coletado do Banco de Dados FALA-Natal, produzido por pré-adolescente e adolescentes do gênero masculino e feminino, encontramos os conectores E e **Aí** nas seguintes relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência/conclusão. Nesta seção, inicialmente será explicado o papel de cada relação semântico-pragmática, seguido de exemplo para deixar mais claro o tipo de função que o conector desempenha no trecho selecionado.

A sequenciação textual marca a ordem em que as unidades conectadas são apresentadas ao longo do tempo discursivo, ligando uma porção textual anterior à posterior, como em (5).

(5) Teve uma vez que eu tava no Face, né? Normal. **Aí** uma... postaram uma foto de pornografia, assim, que eu denunciei a foto, **aí** aquela foto sumiu automaticamente da- do Face. (Narrativa de experiência pessoal, BDFN; 02JV; Fem.)

Ocorre sequenciação temporal quando os eventos apresentados no discurso seguem a ordem em que aconteceram; logo, existe a pressuposição de que o segundo elemento ocorreu posteriormente ao primeiro, como em (6).

(6) Como o travesseiro era grande, a gente fazia tipo um forquinho assim e ficava dentro. E era muito quente, você começava a suar. E a gente botava o cronometro do celular da nossa mãe, pra vê quem conseguia ficar mais tempo lá. (Narrativa habitual, BDFN; 04JV; Masc.)

A consequência/conclusão estabelece consequência ou de conclusão em relação ao que foi dito previamente, como em (7).

(7) A gente combinava cor de unha, antes de ir pra escola: “como você vai o cabelo?” (...) **Aí** ia todo mundo com o mesmo cabelo. (Narrativa habitual, BDFN; 05JV; Fem.)

A soma dos dados extraídos das narrativas habituais e das narrativas de experiência pessoal nas entrevistas com pré-adolescentes e adolescentes natalenses é de 587. Destes, 461 dados correspondem às narrativas de experiência pessoal e 126 dados correspondem às narrativas habituais. Ainda filtrando os dados, contabilizamos 165 dos 587 dados nas entrevistas dos pré-adolescentes, sendo 133 nas narrativas de experiência pessoal e 32 dados nas narrativas habituais. Já nas entrevistas com adolescentes, a ocorrência é de 422 dados, distribuídos da seguinte forma: 328 dados encontrados nas narrativas de experiência pessoal e 94 encontrados nas narrativas habituais.

Percebe-se que os dados extraídos do *corpus* apresentam maior ocorrência nas narrativas de experiência pessoal; esses números só reforçam a ideia exposta anteriormente, de que tende a haver um estímulo, por parte do entrevistador sociolinguista, para que seu informante produza narrativas desse tipo, de modo a

propiciar maior emergência de traços informais de fala. É, pois, comum que os entrevistadores direcionarem os temas a serem abordados para o gênero supracitado a fim de recolher o maior número de trechos que trazem a fala vernacular.

Os dados referentes às narrativas habituais e às narrativas de experiência pessoal foram organizados nas tabelas a seguir, constando as ocorrências brutas e a sua frequência, levando em consideração todos os dados encontrados nas diferentes relações semântico-pragmáticas codificadas pelos conectores sequenciadores. Os resultados serão discutidos na seção seguinte.

Relações Semântico-Pragmáticas	Aí		E	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	9/17	53	8/17	47
Sequenciação Temporal	5/10	50	5/10	50
Consequência/Conclusão	2/3	67	1/3	33
TOTAL	17/32	53	15/32	47

Tabela 1: Distribuição de E e Aí quanto à relação semântico-pragmática em narrativas habituais dos pré-adolescentes

Foi encontrado, nas narrativas habituais dos pré-adolescentes, um total de 32 dados dos conectores em estudo: 17 dados do Aí, o que representa 53% das ocorrências, e 17 dados do E, o que representa 47% dos dados contabilizados. Quanto às relações semântico-pragmáticas controladas, temos a seguinte distribuição: (i) na sequenciação textual, o conector Aí apresenta 9 dados e o conector E apresenta 8 dados, revelando, em percentuais, 53% e 47%, respectivamente; (ii) na sequenciação temporal, ambos os conectores contam com 5 dados, o que, em percentagem, corresponde a 50% de cada; (iii) na consequência/conclusão, há apenas 2 dados de Aí e 1 dado de E, tendo como percentuais 67% e 33%, respectivamente. Esses valores

mostram que há um equilíbrio entre o uso de ambas as variantes, salvo na relação de consequência/conclusão, com um ligeiro predomínio do conector *Aí*.

A próxima tabela traz os dados referentes às narrativas de experiência pessoal em entrevistas com pré-adolescentes. Os dados corroboram a ideia defendida por Tavares (2008) de que esse grupo etário é o que, proporcionalmente, mais faz emprego do conector *Aí* na fala de Natal.

Relações Semântico-Pragmáticas	<i>Aí</i>		<i>E</i>	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	55/68	81	13/68	19
Sequenciação Temporal	32/36	89	4/36	11
Consequência/Conclusão	25/28	89	3/28	11
TOTAL	112/133	84	21/133	16

Tabela 2: Distribuição de *E* e *Aí* quanto à relação semântico-pragmática em narrativas de experiência pessoal dos pré-adolescentes

Dos 133 dados contabilizados, 122 (84%) correspondem ao conector *Aí* e 21 (16%) ao conector *E*. Verifica-se que, em contraste com a narrativa habitual, os valores expostos na tabela revelam uma grande diferença entre o uso descomedido do conector *Aí* em comparação ao uso ínfimo do conector *E*. No que diz respeito às relações semântico-pragmáticas, notamos que, na sequenciação textual, 55 (81%) dados são relativos ao conector *Aí* e 13 (19%) dados são relativos ao conector *E*. A sequenciação temporal revela semelhante distribuição dos dados: há 32 (89%) dados do conector *Aí* e 4 (11%) dados do conector *E*. A mesma percentagem aparece no que tange à consequência/conclusão; a única diferença existente está no número bruto de ocorrências, sendo 25 de *Aí* e 3 de *E*.

Em sequência, segue a tabela referente à distribuição dos conectores *E* e *Aí* quanto à relação semântico-pragmática em narrativas habituais produzidas por

adolescentes natalenses. No total, 31 (33%) das ocorrências foram do conector *Aí* e 63 (67%) das ocorrências foram do conector *E*.

Relações Semântico-Pragmáticas	<i>Aí</i>		<i>E</i>	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	17/60	28	43/60	72
Sequenciação Temporal	9/25	36	16/25	64
Consequência/Conclusão	5/9	56	4/9	44
TOTAL	31/94	33	63/94	67

Tabela 3: Distribuição de *E* e *Aí* quanto à relação semântico-pragmática em narrativas habituais dos adolescentes

A tabela 3, diferente da tabela 1, traz dados mais interessantes, especialmente no que concerne às relações de sequenciação textual e sequenciação temporal. Foram encontrados 17 (28%) dados do conector *Aí* e 43 (72%) dados do conector *E* na indicação de sequenciação textual. Com relação à sequenciação temporal, foram computados 9 (36%) ocorrências do conector *Aí* e 16 (64%) ocorrências do conector *E*. Enquanto a tabela 1, referente às narrativas habituais dos pré-adolescentes, revela predileção pelo uso do conector *Aí* na sequenciação textual e na consequência/conclusão, e equilíbrio no uso de ambos os conectores na sequenciação temporal, a tabela 3, referente às narrativas habituais dos adolescentes, evidencia a situação oposta no que diz respeito à sequenciação textual e à sequenciação temporal, com maior emprego do conector *E*, exceto na consequência/conclusão, em que se destaca o *Aí*.

Como mostra a tabela 4, com relação às narrativas de experiência pessoal produzidas por adolescentes, mapeamos 192 (59%) dados do conector *Aí* e 136 (41%) dados do conector *E*. Quanto à distribuição por relação semântico-pragmática, nota-se que, similarmente à tabela 2, a tabela 4 revela preferência pelo uso do conector *Aí* na

codificação de todas as relações semântico-pragmáticas controladas; apontamos, porém, que essa preferência manifesta-se de modo mais intenso entre os pré-adolescentes.

Relações Semântico-Pragmáticas	Aí		E	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	89/148	60	59/148	40
Sequenciação Temporal	72/130	55	58/130	45
Consequência/Conclusão	31/50	62	19/50	38
TOTAL	192/328	59	136/328	41

Tabela 4: Distribuição de E e Aí quanto à relação semântico-pragmática em narrativas de experiência pessoal dos adolescentes

No que se refere à sequenciação textual, dos 148 dados encontrados, 89 correspondem ao conector Aí (60%) e 59 correspondem ao conector E (40%). Com relação à sequenciação temporal, das 130 ocorrências identificadas, 72 são relativas ao conector Aí (55%) e 58 ao conector E (45%). Enfim, quanto à relação consequência/conclusão, dos 50 dados coletados, 30 correspondem ao conector Aí (62%) e 19 correspondem ao conector E (41%).

É certo que a quantidade dos dados encontrados nas narrativas habituais é pequena quando comparada com os dados das narrativas de experiência pessoal, mas, apesar dessa diferença, é perceptível as preferências manifestada pelos grupos etários aqui analisados no que diz respeito aos conectores E e Aí, questão que discutimos mais detalhadamente a seguir.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao analisar os resultados expostos na seção anterior, nota-se que o Aí foi o conector sequenciador mais utilizado nas produções orais dos pré-adolescentes e

adolescentes em suas narrativas de experiência pessoal, mas, apesar disso, os dados revelam que essa predileção é ainda mais acentuada entre os pré-adolescentes. Estes, em 133 ocorrências de SRPI, empregaram 112 vezes o conector AÍ (84%) e 21 (16%) vezes o conector E; aqueles, de 328 ocorrências de SRPI, empregaram 192 (59%) vezes o conector AÍ e 136 (41%) vezes o conector E. Esse quadro confirma uma de nossas primeiras hipóteses, segundo a qual “o aparecimento do conector mais recente AÍ (...) deve aumentar à proporção que diminui a idade dos informantes” (TAVARES, 2008, p. 29).

Segundo Tavares (2008), um dos fatores que influencia o uso do conector AÍ é a faixa etária: ele tende a ser mais recorrente na fala de indivíduos jovens, adolescentes e pré-adolescentes, pois, nesses períodos da vida, “os indivíduos comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguir-se dos adultos e, por outro, aproximar-se de companheiros da mesma idade ou um pouco mais velhos.” (TAVARES, 2008, p. 28), logo, tendem a fazer maior uso de formas inovadoras e desprivilegiadas em sua comunidade de fala, como uma estratégia para criar uma identidade que os separe e os destaque em relação aos demais grupos.

As variantes de uma comunidade de fala estão sempre em concorrência, existindo, de um lado, as formas padrões e conservadoras e, do outro, as formas não-padrões e inovadoras. As formas padrões desfrutam do prestígio social ao mesmo tempo em que as formas não padrão são estigmatizadas pelos membros da comunidade de fala (TARALLO, 1985). Esse tipo de estigma recai também sobre o conector AÍ por ser uma forma inovadora, já o conector E é tomado como mais formal (ou, ao menos, estilisticamente neutro) e, por isso, pode ocorrer em textos que haja mais monitoramento.

Essa concepção de maior e menor monitoramento relacionado ao uso formal e informal dos conectores sequenciadores em estudo corrobora as outras duas teses expostas na seção de Introdução. É sabido, como explicitado anteriormente, que a narrativa de experiência pessoal faz surgir mais intensamente a fala vernacular do informante, pois, quando conta acontecimentos fortes e emocionantes, o entrevistado

se sente mais à vontade para narrar a história, despreocupando-se com a presença do gravador e do entrevistador; porém, esse mesmo envolvimento geralmente não ocorre na narrativa habitual, já que os fatos narrados através dela são corriqueiros. Por meio dessa constatação, é lógico dizer que o conector *Aí*, forma inovadora e, não raro, estigmatizada, brota em contexto em que há menos monitoramento, caso da narrativa de experiência pessoal, e o conector *E*, que goza de maior prestígio social, surge em contextos e gêneros textuais que apresentam mais monitoramento.

Os dados referentes às narrativas analisadas atestam as hipóteses propostas: na narrativa habitual em entrevistas com pré-adolescentes natalenses, encontramos 53% de uso do conector *Aí* e 47% de uso do conector *E*, e na narrativa de experiência pessoal, na mesma faixa etária, a percentagem é de 84% e 16%, respectivamente. É inegável que o padrão de uso desse grupo etário condiz com as hipóteses defendidas nesta pesquisa. Resta-nos averiguar se a outra faixa etária apresenta o mesmo comportamento.

Diferente dos pré-adolescentes, os adolescentes utilizaram mais o conector *E* (67%) que o conector *Aí* (33%) nas narrativas habituais. Situação oposta ocorre nas narrativas de experiência pessoal, em que o conector *Aí* é responsável por 59% dos dados e o conector *E* por 41% dos dados. Fica evidente, portanto, que a idade dos informantes é um fator que contribui para o uso dos conectores – quanto mais jovem, maior acentuado o uso do conector marcadamente mais informal *Aí* (cf. TAVARES, 2008) – e que o gênero textual também condiciona o seu uso – quanto mais envolvente for a produção textual/oral, menos monitorada será a fala –, por isso houve diferença de frequência das formas nos gêneros estudados.

Em linhas gerais, são os adolescentes e pré-adolescentes que lideram as mudanças linguísticas (cf. TAGLIAMONTE, 2006). Para diferenciar-se dos adultos da comunidade de fala, eles optam por usar formas mais recentes nas suas interações sociais. Ao rotinizar o uso do conector *Aí* em contextos comunicativos particulares, essas faixas etárias contribuem para a inserção de mais um item gramatical na função de SRPI.

Para afunilar a investigação, devemos perceber em que etapa os conectores estudados estão em seus processos de gramaticalização – que ocorre quando itens lexicais angariam funções gramaticais ou itens gramaticais angariam mais funções gramaticais.

Analisando as relações semântico-pragmáticas em narrativas habituais produzidas por pré-adolescentes natalenses, notamos que, na sequenciação textual e na sequenciação temporal, há frequência similar: 53% de AÍ e 47% de E na primeira relação e 50% de ambos os conectores na segunda relação. Isso mostra que, nesse contexto, não há grande distinção no emprego desses conectores, bem como não se pode considerar haver um caso de especialização por generalização ou de especialização por especificação. Na relação consequência/conclusão, o conector AÍ abarca 67% dos dados e o conector E, 33% deles. Nesta última relação, deduz-se que a distribuição do conector desprivilegiado, AÍ, aponta para o fenômeno da especialização por especificação, ao predominar sobre o E.

No que tange às relações semântico-pragmáticas em narrativas de experiência pessoal produzidas por pré-adolescentes da cidade do Natal, notou-se que todas as três parecem evidenciar a especialização por generalização do conector AÍ, pois encontramos ocorrência de 81% do conector AÍ e 19% do conector E na sequenciação textual, e, na sequenciação temporal e na consequência/conclusão, encontramos 89% de conector AÍ e 11% de conector E em ambas as relações. Não resta dúvida de que, nas narrativas de experiência pessoal produzidas por pré-adolescentes, todas as relações semântico-pragmáticas em foco manifestam intensa correlação função-forma, com alta especialização do conector AÍ na indicação de todas elas.

Os resultados a respeito do gênero narrativa habitual em entrevistas com adolescentes trazem uma inversão no que se refere ao uso de conectores quando se contrastam os grupos etários. A sequenciação textual e a sequenciação temporal apontam para especialização por generalização do conector E, que engloba 72% e 64% dos dados, respectivamente, ao passo que o conector AÍ engloba 28% e 36% dos dados, respectivamente. Por fim, no que diz respeito à consequência/conclusão,

encontramos certa neutralidade no uso dos conectores, pois ambos apresentam números similares de frequência: 56% de conector AÍ e 44% de conector E.

Há semelhante inclinação no que tange à distribuição do conector AÍ por relação semântico-pragmática em entrevistas com adolescentes natalenses quando se considera o gênero textual narrativa de experiência pessoal. Na sequenciação textual e na consequência/conclusão, o conector AÍ abarca 60% e 62% dos dados, respectivamente; já o conector E abarca 40% e 38% dos dados, respectivamente, estabelecendo-se uma expressiva correlação função-forma. Por último, a sequenciação temporal mostra relativa neutralidade: o conector AÍ totaliza 55% das ocorrências e o conector E totaliza 45% delas.

O TRATAMENTO DOS CONECTORES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Nas entrevistas realizadas com pré-adolescentes e adolescentes natalenses, ficou patente que o conector AÍ, de menor *status*, apresenta alto uso quando comparado ao conector E em Narrativas de Experiência Pessoal em ambos os grupos etários; já nas Narrativas Habituais, esperava-se que a frequência do E, mais formal, fosse maior uma vez que o gênero textual supracitado exigia maior monitoramento, o que de fato ocorreu na fala adolescente, mas não na pré-adolescente, em que a recorrência do AÍ foi um pouco maior que a do E.

É interessante pontuar que apesar de ambos os grupos recorrentemente utilizarem o conector AÍ em Narrativas de Experiência Pessoal, os adolescentes apresentam queda no uso desse conector ao mesmo tempo em que aumentam, em comparação aos pré-adolescentes, o uso do E nas Narrativas Habituais. Isso se dá, possivelmente, pelo fato dos adolescentes estarem a mais tempo em contato com o ensino formal e, assim, sofrerem maior pressão para evitar o uso do AÍ (cf. TAVARES, 2007)

Desse modo, dentro do contexto escolar, como aponta Tavares (2007), encontramos um problema que merece atenção: se o AÍ é socialmente desprestigiado

e os conectores *por isso, então, assim, portanto, sendo assim, pois, dessa forma, em consequência, conseqüentemente, enfim, por conseguinte, depois, por fim* são tidos como mais adequados para contextos mais monitorados, por que não são utilizados comumente na fala e na escrita dos alunos? Por que encontramos um uso excessivo de E quando se há mais monitoramento? Falta-nos um ensino que analise todas as formas sobrepostas de uma variável e que explique como, onde e por que utilizar determinada variante.

O ensino de língua materna, dentro desse viés, deveria proporcionar o contato com os mais variados gêneros textuais, a fim de fazer os alunos notarem os ambientes de uso de cada conector coordenativo. Ao trazer, por exemplo, narrações de jogos de futebol, letras de músicas, entrevistas com políticos ou artistas, publicações de redes sociais, cartas de amor ou familiares, lembretes, manuais, receitas culinárias etc. para a sala de aula, o professor estará apresentando vários contextos de aplicação; com isso poderá explicar que cada forma gramatical está condicionada a um determinado ambiente, logo não existe certo, nem errado, e sim adequado e inadequado em relação à situação de uso. Outrossim, ao proporcionar o contato com essa pluralidade de gêneros, o aluno, além de ter acesso às diversas variantes, estará mais seguro e gabaritado para utilizar essas expressões tanto na modalidade oral, quanto na escrita. (cf. TAVARES, 2013b)

Outra proposta seria os alunos, com suporte do professor, investigar a situação do *Aí* (cf. TAVARES, 2007). Por meio de entrevistas, por exemplo, os discentes levantariam respostas às perguntas: Quando o *Aí* é um vício de linguagem? Quais as razões para ele se considerado menos prestigiado?

Dessa guisa, se

criarmos condições para a utilização da língua em situações de interação reais e variadas, que exijam a exposição a fórmulas gramaticais diversas bem como o seu uso, estaremos contribuindo para o processo de aquisição, pelo aluno, da gramática em suas múltiplas faces, incluindo estratégias de adequação a diferentes contextos sociolinguísticos (mais e menos formais, por exemplo) (TAVARES, 2007, p. 113)

CONCLUSÕES

Neste estudo, analisamos as variantes E e AÍ na indicação de SRPI. Para isso, levantamos um *corpus* de entrevistas sociolinguísticas com amostras da fala de pré-adolescentes e de adolescentes natalenses. Considerando dois gêneros textuais, narrativa habitual e narrativa de experiência pessoal, extraímos os trechos que continham ocorrências dos conectores sequenciadores estudados e os codificamos quanto às relações semântico-pragmáticas de sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência/conclusão.

Os resultados referentes às narrativas de experiência pessoal em ambos os grupos etários apontam preferência pelo uso do conector AÍ, revelando a existência de uma intensa correlação função-forma: o AÍ é altamente frequente na indicação das três relações semântico-pragmáticas consideradas, o que aponta para a possibilidade de especialização por generalização. Entretanto, apesar de as duas faixas etárias utilizarem com frequência o conector em apreço, é nos pré-adolescentes que esse emprego é mais acentuado, confirmando-se, assim, uma das hipóteses levantadas em Tavares (2008).

No tangente às narrativas habituais, a utilização do conector AÍ foi menor, tanto entre adolescentes quanto entre pré-adolescentes, chegando o conector E a superá-lo em número na fala adolescente. Já a distribuição das formas por relação semântico-pragmática não revela contrastes tão intensos e pode ser tomada como indício de especialização do E para a sequenciação textual e para a sequenciação temporal entre os adolescentes, e do AÍ para a consequência/conclusão entre os pré-adolescentes, havendo maior equilíbrio na distribuição desses conectores nos demais contextos, o que pode apontar para a possibilidade de especialização por especificação.

No que concerne ao ensino dos conectores, chegamos à conclusão de que urge repensarmos o ensino de gramática, haja vista que a concepção de certo e errado não reflete a nossa realidade linguística; a língua não é estática, tampouco as situações de

comunicação são as mesmas – “a gramática é heterogênea, repleta de situações de uso variável” (TAVARES, 2013b, p. 96). Para isso, os professores precisam pensar o ensino dos conectores – por que não de gramática? – a partir dos gêneros textuais, deixando claro que a interação social condicionará o uso de determinada variante.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, G. F. *Conectores E e Aí em narrativas de experiência pessoal e em narrativas habituais produzidas por pré-adolescentes natalenses*. Relatório Técnico Final de Pesquisa. PIBIC/UFRN. 2014. 11p.
- CARRANZA, I. E. Low-narrativity narratives and argumentation. *Narrative Inquiry*, v. 8, n. 2, p. 287-317. 1998.
- GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, v. 15, p. 75-97, 2013.
- LABOV, W. Ordinary events. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.) *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 31-43.
- MENDONÇA, S. Q.; TAVARES, M. A. Liderança feminina na difusão social: implicações para a gramaticalização de Aí como conector. *Publica*, UFRN, 2008.
- TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TAVARES, M. A. Os conectores E, Aí e ENTÃO na sala de aula. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.) *Linguística funcional e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2007. p. 87-115.
- _____. Conectores coordenativos: Condicionamentos sociais em duas comunidades de fala brasileira. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 19-37, junho 2008.
- _____. Variação estilística na entrevista sociolinguística: a questão do gênero textual. In: RAZKY, A. et al. (Orgs.) *Anais do II Congresso Internacional de Sociolinguística e Dialetoлогия* (II CIDS). Belém, 2012.
- _____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança. *Interdisciplinar*, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 17, jan./jun. 2013a. p. 27-47.
- _____. Gramática na sala de aula: o olhar da sociolinguística variacionista. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.) *Contribuições da sociolinguística e da linguística histórica para o ensino de Língua Portuguesa*. Natal: EDUFRN, 2013b.
- _____. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; CHRISTIANE, M. N. de (Orgs.) *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.